

JESUS CURA A ANGÚSTIA GAY?

Murilo Rigaud⁹

Este escrito é fruto de reflexões psicanalíticas a partir da pesquisa financiada pelo PIBIC-UFBA e desenvolvida por mim, sob as orientações do docente Dre. Luiz Felipe Andrade, em Análise de Discurso Materialista, durante o período de setembro de 2022 até agosto de 2023, sobre o discurso de cura gay propagado pela igreja neopentecostal. Um dos objetivos desse trabalho consistiu em analisar as regularidades discursivas de tal discurso, ou seja, o que se repete em comum na fala daqueles que o propagam. Para tal feito, foram selecionados vídeos publicados na plataforma Youtube que apresentavam o discurso desejado para investigação. A motivação para o estudo desse fenômeno é a forte e crescente influência do discurso religioso evangélico, sobretudo neopentecostal, na política e na cultura do país, sendo prospectada como a religião majoritária do país na próxima década, conforme apontam estudos como o de Alves e Cavenaghi (2019).

Nesse trabalho analítico, um ponto chamou minha atenção. Todos eles traziam um sofrimento por ser quem é, um vazio a ser preenchido, uma angústia alarmante.

⁹ Graduando em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pela UFBA, pesquisador IC filiado à corrente teórica da Análise de Discurso Materialista e membro do Seminário de Introdução à Teoria Psicanalítica (SIPSI).

“Antes de praticar o homossexualismo (sic), eu achava que eu era infeliz porque eu não praticava, porque eu estava no armário, porque eu não me declarava, eu não assumia. E aí, quando eu comecei a praticar, eu comecei a sentir ainda uma tristeza muito maior. Então, eu comecei a pensar: ‘por que que agora eu continuo triste, se a minha vida inteira eu passei querendo me assumir, e depois que eu me assumi eu me tornei pior do que antes?’ ”. (Pr. Wilker Dantas, 2019).¹⁰

Todos os discursos analisados apresentavam a falta inerente do sujeito, pressuposto basilar na psicanálise. E nessa tentativa de preencher essa falta, Jesus aparece como aquele que a preenche e que castra o desejo gay, contraditoriamente, já que a castração tem como resultado a instauração da falta. É a falta que faz o sujeito desejar o que deseja.

Jesus cura a angústia gay? Essa pergunta por si só já é problemática porque há outras perguntas subjacentes nela. A primeira é que ela coloca como uma possibilidade de que a angústia pode ser curada, logo, configura-a como uma patologia. E como nos assevera Lacan, a angústia é um afeto; mais do que isso, é um afeto que não mente. Outra pergunta que pode ser feita a partir dessa primeira pergunta é a de que “existem tipos de angústia?”. Se existe uma angústia gay, então, existe uma angústia PCD, uma angústia feminina, uma angústia negra, uma angústia do idoso, uma angústia da criança, uma angústia do brasileiro... em suma, uma angústia identitária. Claro que não podemos negar que certas identidades sociais, por causa da sua relação com a ideologia hegemônica, podem produzir conflitos internos para

10 Trecho transcrito do vídeo “Quatro passos para se libertar da homossexualidade”, do canal Xote Santo Oficial, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gqxp9j2ARyM> (acesso em 01/09/2024).

o sujeito que é marcado como marginal, inferior, doente, o outro do mundo, isto é, o anormal. Frantz Fanon, Virgínia Bicudo e Lélia Gonzalez já nos alertaram sobre isso ao falar como o racismo produz uma neurose na população negra que vive em países com herança colonial. Mas o sujeito que é marcado como negro não é apenas a sua neurose racista, bem como a angústia latente no sujeito que é gay não se restringe apenas ao ser gay. Há uma angústia do sujeito.

No discurso cristão, Jesus possui muitos títulos. Ele é Senhor, Pai, Filho, Rei, Cordeiro, Advogado, Juiz, Amigo, e também Médico. O Médico dos médicos. Muitos dos milagres operados por Jesus, que estão descritos na Bíblia, são atos de cura: cura da cegueira, cura da paralisia, cura da lepra... mas não há uma cura da homossexualidade. Porém, ainda no discurso cristão, a homossexualidade é tratada como uma doença. Algo que precisa ser curado e que só pode ser curado por Deus.

A homossexualidade, sobretudo para os evangélicos neopentecostais, é fruto de alguma influência maligna na vida da pessoa. É a carne desejante, isto é, pecaminosa que faz o homem se afastar de Deus; que faz o homem desejar aquilo que Deus não desejou para ele. O cristão deve abnegar de si próprio por amor a Cristo. Desse modo, o homossexual é alguém que não deseja nem vive o que Deus quer, esse Outro que é materializado pelo líder religioso e pela comunidade religiosa. O desejo homossexual, com base na crença cristã hegemônica, deve ser reprimido; ou ao menos a prática desse desejo.

Freud também já estigmatizou a homossexualidade, certa vez, ao tipificá-la como um tipo de perversão, nomeando-a como “inversão” no clássico texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905. Porém, 20 anos depois, ele se retrata

afirmando que a homossexualidade não era digna de tal alcunha. Outro marco dessa elaboração do Freud acerca da homossexualidade é a resposta dada por carta a uma mãe norte-americana, cujo filho é homossexual, no ano de 1935:

[...] Não tenho dúvidas que a homossexualidade não representa uma vantagem, no entanto, também não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação alguma. Não pode ser qualificada como uma doença e nós a consideramos como uma variante da função sexual, produto de certa interrupção no desenvolvimento sexual. Muitos homens de grande respeito dos tempos antigo e moderno foram homossexuais, e dentre eles, alguns dos personagens de maior destaque na história como Platão, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, etc. É uma grande injustiça e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se esta fosse um delito [...].¹¹

É bom lembrar que a homossexualidade só deixou de ser considerada doença pela Organização Mundial da Saúde em 1990, evidenciando o pensamento progressista de Freud para a sua época após 1925.

Mas voltando à pergunta que nomeia essa discussão: Jesus cura a angústia gay? A resposta é não. Não cura porque a angústia não é uma doença, mas ela é algo que alerta o sujeito sobre algo do seu próprio desejo. Para Lacan, a angústia é o inverso radical do desejo. Ela aparece quando o sujeito está diante do objeto *a*, diante daquilo que não pode ser simbolizado pela

11 A carta pode ser lida na íntegra, em inglês, no seguinte arquivo: Grotjahn, M. (1951) 'Historical Notes: A Letter from Freud.': *The American Journal of Psychiatry*, April, 1951, 107, No. 10, pp. 786 and 787.. *International Journal of Psychoanalysis* 32:331.

linguagem nem comportado pela imagem, aquilo que é do real do sujeito.

Uma das principais diferenças entre Freud e Lacan se dá na concepção do que é a angústia. Para Freud, a angústia é a ameaça de perda do objeto amado e se difere do medo por não ter objeto. Lacan discorda do seu predecessor ao dizer que a angústia tem sim objeto, nomeando-o de objeto *a*. Ele afirma que é a perda desse objeto que origina o desejo. É a partir da perda do objeto que o sujeito se torna faltante, isto é, desejante. A angústia, na perspectiva lacaniana, é interpretada, então, como a falta da falta, quando não há espaço para o vazio. Em outras palavras, há uma falta que origina o desejo a partir da perda do objeto desejado e quando não há espaço no sujeito para essa falta ser sentida e operada, então há o aparecimento da angústia.

Nos testemunhos dos ex-gays/trans analisados, Jesus aparece como aquele que preenche esse vazio do sujeito por completo e traz uma sensação de paz, de felicidade e de alívio para eles. Porém, o desejo continua lá pulsando. Aqui há uma mudança no paradigma discursivo cristão sobre a homossexualidade porque não é mais o desejo homossexual que define alguém como tal, mas sim o ato. É a prática homossexual que define alguém como gay. Logo, não se é gay, mas se está gay. A mudança do verbo “ser” para o “estar” imprime uma transitoriedade, um estado momentâneo na vida daquela pessoa. Algo que pode ser mudado.

O movimento gay, o movimento LGBT, ele quer dizer pra você que se você é tentado, você é gay, você só não está praticando. Então, eu queria trazer aqui um pensamento. Então, quer dizer que se a pessoa é tentada, ela já é aquilo que ela está tentada. Então, quer dizer que se alguém for tentado, tiver vontade de matar alguém e não matar, ele se torna um assassino? É claro

que não. Então, ser tentado não quer dizer que já é homossexual. (Pr. Wilker Dantas, 2019).¹²

Outro ponto em comum aos relatos pessoais desses sujeitos é a metaforização da vida pecaminosa como uma prisão ou uma condição doentia, algo do qual é preciso se libertar e essa libertação só será possível através de Deus. Porque somente Deus pode curar e libertar as pessoas verdadeiramente. Como consta no livro de Deuteronômios 31:8, Ele é aquele que nunca te abandona nem te desampara.

Outra menção a uma das falas das testemunhas é a de que a homossexualidade é fruto da ausência da figura paterna, um pai que está ali, mas o filho não vê. Uma fala que contém uma certa ironia, pois Deus poderia ser esse pai invisível. Mas Deus, apesar de ser invisível, não é ausente. Muito pelo contrário, é um pai que está a todo momento observando para abençoar e para punir, o Outro absoluto. Outra explicação para a homossexualidade seria uma carga espiritual herdada por algum pecado do pai ou da mãe, como um adultério, por exemplo. Além desses, a configuração de um lar não tradicional, uma casa habitada por um casal e seus filhos, e a rejeição ao gênero da criança também seriam fatores contribuintes para a manifestação da homossexualidade na vida de uma pessoa.

Apesar de todas essas explicações no plano material para justificar a manifestação da homossexualidade na vida de alguém, o aspecto espiritual é o mais forte. A homossexualidade é, antes de mais nada, um demônio, uma influência maligna cons-

12 Outro trecho transcrito do vídeo “Quatro passos para se libertar da homossexualidade”, do canal Xote Santo Oficial, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gqxp9j2ARyM> (acesso em 01/09/2024).

tante. A resposta para como se livrar de tal influência é acreditar fortemente em Deus e resistir, assim como Jesus fez ao longo de sua vida. Ele venceu o mundo como homem, então, nós também podemos, e assim devemos tentar.

O lidar com o sujeito da psicanálise é avesso ao lidar do cristianismo por excelência, uma vez que ela não dita ao sujeito o que ele deve ou não fazer. Muito pelo contrário, a resposta do psicanalista é muitas das vezes o silêncio. Porém, é indubitável dizer que esses dois discursos possuem suas intersecções. O próprio Lacan faz uso de termos que remetem ao religioso, por exemplo, “Em nome do Pai”. Ambos reconhecem que o sujeito é furado, há um vazio, uma falta.

Para o discurso cristão, o vazio do homem é a ausência de Deus na vida dele. Um título de Deus que permite a visualização da criação da vida através do furo é o título de oleiro. A olaria é a criação de peças pelo manuseio da argila ou do barro, e muitas dessas peças começam a partir do furo. É o furo que permite moldar com as mãos o que se quer. Essa imagem é muito cara para o discurso cristão porque o homem foi feito através do barro e ganha vida após Deus soprar nas narinas, um outro tipo de furo, o fôlego da vida. Para Lacan, o vazio do homem é o que faz ele ser humano, é o que permite a movimentação do desejo, uma relação com a linguagem, a vida em si. Cada sujeito responde por si sobre o que fazer e como lidar com essa falta fundante. Percebe-se, então, que apesar das divergências entre o cristianismo e a psicanálise sobre como proceder com esse vazio, há um consenso sobre a existência desse vazio. E é justamente a existência desse espaço que permite também a ocupação da angústia.

No capítulo XIII “Aforismos sobre amor”, do *seminário 10*, Lacan localiza a angústia como uma função mediana

entre o desejo e o gozo, uma hiância. O gozo aparece como uma tentativa de ser para o Outro aquilo que ele quer, mesmo que ele não saiba o que queira. É a falta do objeto *a* no sujeito é o que o faz chegar ao Outro e submeter-se a ele. Logo, o objeto *a* não é o acesso ao gozo, mas o acesso ao Outro.

Porém, Lacan aforiza que “Só o amor permite o gozo condescender ao desejo” (p.197, 2005). E o amor, seja na falta ou na presença dele, é um outro afeto que aparece tanto quanto a angústia nos testemunhos. É possível visualizar nos relatos os quatro amores na acepção cristã: ágape, o amor de Deus para com a humanidade; storge, o amor entre os familiares; philia, o amor entre os amigos; e eros, o amor entre os amantes. Esse aparecimento do amor no discurso cristão não é inesperado, tendo em vista que é por amor que Jesus morre na cruz do Calvário. Em João 3:16 isso é dito, “Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Além da condensação dos dez mandamentos em apenas dois: “amar Deus acima de todas as coisas” e “amar o próximo como a ti mesmo” (Mt 22 36-40), como incentiva o ex-gay/trans¹³ Raimundo em seu testemunho (2018): “Então, eu peço aos irmãos, se vê alguém dessa forma ou conhece: ama. Ama porque essa pessoa tá c’alma ferida. Essa pessoa tá com sentimento ferido lá de infância.”¹⁴

13 No discurso cristão investigado, a transgeneridade é significada como o estágio máximo da homossexualidade na vida de um homem. Por isso, tais identidades são colocadas em paralelo nesse escrito, embora identidade de gênero e identidade sexual sejam conceitos distintos.

14 Trecho transcrito do vídeo “Ex-homossexual impacta a todos com o seu testemunho de cura e libertação”, do canal Igreja Restauração Londrina, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=saXHk7n8To4> (acesso em 01/09/2024).

O sujeito ex-gay vê em Deus, esse Outro, um amor diferenciado dos demais, um amor descrito como sendo incondicional. Servi-lo e amá-lo não são garantias de não mais haver aflições, como é retratado nas histórias bíblicas de Abraão, Moisés, José, Isaías, Davi, Jó e até mesmo do próprio Jesus. Contudo, o amor ágape é vivenciado como uma experiência tão radical quanto a experiência de angústia:

Sabe, irmãos, a gente não consegue entender o amor... enquanto você não conhece a Jesus. Eu fico, eu fico imaginando que homem é esse que era o meu pai? Eu vou dizer pra ele que sou homossexual, que gosto de homem, que vou embora e ele dá um beijo na minha mão e diz “Jesus te ama! E eu também te amo” ou seja, não importa qual seja o teu problema, eu não abro mão de você. (Pr. Paulinho de Jesus, 2010)¹⁵

Portanto, a angústia é um afeto que quando experienciado e sustentado pelo sujeito promove uma mudança radical, que muitas vezes é necessária para impedir o enfraquecimento de ser quem se é. Independentemente dos caminhos que sejam percorridos por cada pessoa, a angústia estará à espreita para revelar o mais alarmante do que há no desejo de quem deseja, evidenciando a relação de alteridade máxima que qualquer sujeito pode vir a ter consigo próprio. Ainda que haja discordâncias cruciais entre a psicanálise e o cristianismo sobre inúmeros fenômenos, há uma assertiva que pode ser compartilhada por eles, produzindo, porém, sentidos ímpares: a possibilidade da cura pela palavra.

15 Trecho transcrito do vídeo “Pr. Paulinho de Jesus Ex - Paulete 3/6 Testemunho”, do canal Gospel Hits, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ShtI9FpuY> (acesso em 01/09/2024).

REFERÊNCIAS:

ALVES, JED. CAVENAGHI, S. **La transición religiosa y el crecimiento del conservadurismo moral en Brasil**. In: CAREAGA, GLORIA. Sexualidad, Religión y Democracia en América Latina, 2019.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 6 : **três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12.ed. Campinas: Pontes, 2015